



ELEIÇÕES

Planos de grandeza no partido de Bolsonaro

PL, ao qual o presidente se filiou em novembro, está na expectativa de se tornar a maior sigla da Câmara nesta janela partidária

» TAÍSA MEDEIROS
» CRISTIANE NOBERTO

Abertura da janela partidária é sinônimo de uma série de mudanças nas cadeiras do Legislativo brasileiro. Deputados federais e estaduais trocam de partidos num movimento para tentar garantir o melhor cenário visando à reeleição.

Uma legenda em especial deve receber cerca de 30 novos integrantes nessa janela, que termina em 1º de abril: o PL, ao qual o presidente Jair Bolsonaro se filiou em novembro passado.

“O presidente Bolsonaro trouxe muitos dos seus aliados. Vários estão se filiando aos partidos que compõem a sua aliança: o PP, o Republicanos e o nosso PL. Essas siglas caminham juntas, e, em nível estadual, também haverá essa movimentação”, afirmou o líder do PL na Câmara, Altineu Côrtes (RJ).

O parlamentar acredita que o partido tem chances de ser a maior bancada na Casa. Hoje, soma 46 deputados. “A maioria dos deputados deve se filiar a partir da próxima segunda-feira. Só no Rio de Janeiro, temos Helio Lopes, Sóstenes Cavalcante, Luiz Lima, Carlos Jordy, Chris Tonietto, Major Fabiana, Márcio Labre, todos do União Brasil”, listou Côrtes.

O União Brasil — fusão do DEM com o PSL — tem a maior bancada atualmente, com 83 integrantes. Deve, porém, perder nomes. Alguns já partiram. Caso do deputado Carlos Henrique Gaguim, eleito pelo então DEM e que agora está no Republicanos. “Para mim, era mais vantajoso. A Professora Dorinha (União Brasil) vai ser candidata ao

Senado, e eu concorro novamente à Câmara pelo Tocantins”, afirmou.

O deputado Alan Rick (União Brasil-AC) optou por seguir na legenda. “Migrar agora não passa na minha cabeça. A não ser que algo muito diferente aconteça”, comentou. Ele admitiu: colegas estudam possíveis cenários. “É a sobrevivência política. Cálculo é o que os deputados mais fazem para ver qual é o cenário mais promissor para eles. Há muitos deputados que estão vendo se vale a pena trocar de partido, ir para o Senado”, observou.

MDB

O presidente do MDB, Baleia Rossi (SP), afirmou, ontem, que o partido não formará federação com nenhuma outra sigla. Ele destacou, no entanto, que mantém conversas para formar uma candidatura única à Presidência da República com legendas de centro.

“Na condição de presidente nacional do MDB, comuniquei aos diretórios estaduais, senadores e deputados que o nosso partido não fará nenhuma federação para as eleições de 2022”, escreveu no Twitter.

Baleia Rossi frisou, ainda, que respeita os demais pré-candidatos, mas que o MDB “seguirá na defesa da capacidade e viabilidade do nome da senadora Simone Tebet”. “No próximo dia 10, ela será a porta-voz do MDB nas inserções do partido na tevê”, informou.

O parlamentar disse que está aberto o diálogo com os presidentes do União Brasil, Lucia no Bivar, e do PSDB, Bruno Araújo, assim como com “todos que queiram construir uma alternativa à polarização”.

Guilherme Martimori/Mapa



A ministra da Agricultura, Tereza Cristina, é cotada para ser vice na chapa de Bolsonaro

Tereza Cristina vai para o PP

A ministra da Agricultura, Tereza Cristina, vai se filiar ao PP no fim deste mês. De acordo com o presidente interino da legenda, o deputado Cláudio Cajado (BA), a entrada na sigla vai ocorrer durante cerimônia em Mato Grosso do Sul, prevista para 20 ou 21 de março.

Tereza Cristina tem dito que quer concorrer a uma vaga ao Senado pelo estado, mas também é lembrada como uma das principais opções de candidata a vice na chapa do presidente Jair Bolsonaro (PL).

Quando perguntada sobre

essa possibilidade, a ministra costuma desconversar. “Como eu posso ser candidata a vice? Não existe candidatura a vice, existe convite. Isso o presidente Bolsonaro vai fazer na hora que ele entender e a pessoa que ele achar. Nunca conversei, já cansei de dizer isso”, declarou, em entrevista à CNN na quarta-feira.

Cláudio Cajado repetiu o discurso de Tereza Cristina e disse que, como não há convite para ser vice, o partido trabalha apenas com a ideia de ela ser candidata a senadora. “O partido não

tem nenhuma conversa de poder encaminhar o candidato a vice, não recebemos o convite oficial”, sustentou.

Ao decidir entrar no PP, a chefe da pasta da Agricultura sai do União Brasil. Ela está licenciada do cargo de deputada, mas, pelas regras eleitorais, vai ter de deixar o ministério e voltar ao mandato a partir de abril para poder concorrer no pleito deste ano.

Apesar das especulações em torno do nome de Tereza Cristina para a chapa com Bolsonaro, o mais cotado para essa vaga é o ministro da Defesa, Braga Netto.

STF mantém Fundão de R\$ 4,9 bilhões

» RAPHAEL FELICE

O Supremo Tribunal Federal (STF) decidiu manter o Fundo Eleitoral de R\$ 4,9 bilhões em 2022, aprovado pelo Congresso. A avaliação da maioria dos ministros é de que não há inconstitucionalidade no chamado fundão, ao contrário do que sustentou o Partido Novo na ação protocolada na Corte. O placar ficou em 9 a 2.

O julgamento teve início em 23 de fevereiro, quando o relator do caso, ministro André Mendonça, deu voto favorável à Ação Direta de Inconstitucionalidade (ADI) impetrada pelo Novo para que o fundo eleitoral retornasse ao valor adotado nas eleições de 2020: R\$ 2,1 bilhões corrigidos pela inflação. Apenas o ministro Ricardo Lewandowski acompanhou o voto do relator. Para a maioria dos magistrados, não é competência do STF alterar os valores definidos pelo Congresso.

Em nota, o Novo disse lamentar a decisão “que manteve o aumento bilionário do Fundão, que concentra poder em políticos privilegiados e prejudica ainda mais nossa democracia”.

O líder do PT na Câmara, Reginaldo Lopes (MG), destacou que o Fundão “é um investimento necessário, que fortalece a democracia”.

Já o deputado Carlos Sampaio (PSDB-SP) criticou a decisão do Supremo. “O aumento do Fundo Eleitoral é injustificável, absurdo e vergonhoso. Para mim, nada muda: vou continuar não usando um centavo desse recurso indecente nas minhas campanhas”, declarou.

NAS ENTRELINHAS



Por Luiz Carlos Azedo
luizazedo.df@dabr.com.br

A China fica mais forte com a guerra da Ucrânia

O diplomata e estrategista político Henry Kissinger talvez seja o político do Ocidente que melhor conhece a China, onde esteve cerca de 50 vezes. Seu livro *Sobre a China* é um best-seller até hoje. A proeza dele como diplomata foi conceber e executar a reaproximação entre os Estados Unidos e a China comunista, construindo uma aliança que seria decisiva para o colapso da antiga União Soviética. Seus críticos, porém, questionam a forma subalterna como trata a questão da democracia e dos direitos humanos na China.

A China demorou para aceitar que não era o centro do mundo e que precisaria se integrar a um sistema internacional liderado pelas potências ocidentais. Isso ocorreu na marra, após ser derrotada militarmente pelo Império Britânico. Sem os mesmos recursos, no entanto, os chineses optaram por convidar outros países europeus a estabelecerem postos comerciais no seu território, para provocar e depois manipular a rivalidade entre eles.

O princípio “derrotar os bárbaros próximos com o auxílio dos bárbaros distantes” foi adotado com êxito pela China. Seu paradigma de diplomacia

pode ser comparado aos fundamentos do Wei qi, uma espécie de jogo de gamão, no qual os fatores políticos e psicológicos subordinam os princípios puramente militares no “cerco estratégico”.

Kissinger explorou com competência as divergências existentes, desde a morte de Stalin, entre os líderes soviéticos e a liderança chinesa. Mao Tsé Tung recebeu a visita do presidente Richard Nixon. Estados Unidos e China passaram a ser aliados contra a antiga União Soviética. A aliança americana com o regime nacionalista em Taiwan passou à condição subalterna, e o trauma da Guerra da Coreia foi relevado.

Mao, Zhou Enlai e Deng Xiaoping foram interlocutores privilegiados de Kissinger, que também se relacionou com Zhao Ziyang, Jiang Zemin e Qian Qichen, a geração nova de reformadores. Por uma ordem internacional mais estável, num mundo repleto de armas nucleares, a China foi aceita no Conselho de Segurança da ONU.

A guerra de seis semanas da China contra o Vietnã, em 1979, foi um subproduto dessa mudança. Pequim conteve o desejo vietnamita de montar um bloco com Camboja e Laos. Após o massacre da

OS CHINESES LEVAM VANTAGEM COM A GUERRA NA EUROPA, EMBORA A NARRATIVA DO OCIDENTE QUANTO À DEMOCRACIA SE APLIQUE, TAMBÉM, À LIDERANÇA DE PEQUIM

Praça da Paz Celestial, em 1989, em que jovens estudantes pediam abertura política, Xiaoping iniciou um processo de reformas capitalistas que, no curto espaço de 30 anos, elevaram a China ao status de segunda potência econômica do planeta.

No mundo globalizado, o eixo do comércio deslocou-se do Atlântico para o Pacífico. O governo chinês se tornou um dos fiadores da ordem mundial como uma grande potência pacífica. Entretanto, eleito presidente dos Estados Unidos, Donald Trump, amigo de Vladimir Putin, resolveu escalar uma guerra comercial com a China e se aproximar da Federação Russa.

Guerra fria

Joe Biden assume a Presidência com uma equipe diplomática disposta a

restabelecer a hegemonia absoluta dos Estados Unidos na política mundial, a partir da aliança com o Canadá e o Reino Unido, escalando o conflito da Otan com a Federação Russa em torno da Ucrânia. No lugar do mundo multipolar que se esboçava a partir da liderança da Alemanha e da França na União Europeia, ressurge uma guerra fria, que se torna guerra quente com a invasão da Ucrânia e, com a ajuda da agressividade de Putin, arrasta toda a União Europeia para o confronto. O eixo da política internacional deixa de ser o comércio e a cooperação e passa a ser a defesa da democracia e dos valores liberais como narrativa para nova corrida armamentista.

A Rússia passa a depender cada vez mais da China. Porém, enquanto Putin joga xadrez e busca a vitória total em termos geopolíticos, Xi Jinping, o líder

chinês, segue os princípios do Wei qi e mantém sua estratégia focada na integração às cadeias de produção e de comércio mundial, nas quais os Estados Unidos continuam sendo a força mais importante — estão aí as sanções econômicas contra a Rússia —, mas em declínio.

A China leva vantagem com a guerra da Ucrânia, embora a narrativa do Ocidente quanto à democracia se aplique também ao regime comunista chinês. Com sua exclusão da Rússia do sistema Swift, ou seja, do sistema de mensagens interbancárias, por exemplo, os bancos russos se socorreram no sistema de pagamentos interbancários transfronteiriços (Cips), criado pela China em 2015. O sistema é usado para liquidar créditos e trocas internacionais de yuans na chamada Rota da Seda. Permite que os bancos globais realizem transações internacionais em yuan. Somente no ano passado, o sistema processou cerca de 80 trilhões de yuans (US\$ 12,68 trilhões), um aumento de 75% em relação ao ano anterior. Em janeiro, 1.280 instituições financeiras de 103 países e regiões fizeram login no sistema chinês. O yuan pode sair dessa crise como uma moeda internacional.